



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCEG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE GEOGRAFIA

ALANY DE SOUZA BEZERRA

**A FEIRA DE PUXINANÃ-PB E A SUA REESTRUTURAÇÃO
ESPACIAL NA ATUALIDADE**

Campina Grande- PB

2021

ALANY DE SOUZA BEZERRA

**A FEIRA DE PUXINANÃ-PB E A SUA REESTRUTURAÇÃO
ESPACIAL NA ATUALIDADE**

Artigo Apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento as exigências para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz.

Campina Grande – PB

2021

ALANY DE SOUZA BEZERRA

**A FEIRA DE PUXINANÃ-PB E A SUA REESTRUTURAÇÃO ESPACIAL NA
ATUALIDADE**

Artigo apresentado e aprovado em 13/05/ 2021 como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, Unidade Acadêmica de Geografia – UAG, Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz
Orientador

Dra. Erimágna de Moraes Rodrigues
Examinador Externo

Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo
Examinador Interno

Campina Grande - PB
2021

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida iluminada e abençoada que Ele me proporciona com muita saúde, paz, fé e principalmente com muita dedicação;

Aos meus pais e familiares por sempre acreditar nos meus objetivos, me dando total suporte e caráter para que eu fosse capaz de buscar e realizar os meus sonhos;

Aos amigos que fiz durante o curso, que estiveram comigo nessa jornada, com os quais construímos e compartilhamos conhecimentos, e momentos divertidos;

Ao orientador Lincoln da Silva Diniz, que compartilhou seus conhecimentos e me deu total suporte, tornando-se um grande amigo, sendo para mim uma inspiração enquanto professor e pesquisador;

A todos os professores do curso pela total competência e compromisso com a turma, que foram ponte para a edificação deste trabalho e para minha carreira quanto educadora;

Enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigada.

RESUMO

A intensificação e o crescimento das trocas comerciais, foram elementos preponderantes para o surgimento das feiras, sendo uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios em várias regiões do mundo, até a atualidade. Esta atividade, exerce enormes influências no desenvolvimento da economia e da dinâmica social em inúmeras localidades urbanas interioranas. O presente artigo exhibe como objetivo central uma análise do espaço e das formas comerciais que compõem a feira do município de Puxinanã-PB. Assim, observamos historicamente a sua dinâmica econômica no circuito econômico urbano-regional. Quanto aos procedimentos metodológicos, foram divididos em duas etapas, a primeira se deu através de leituras bibliográficas e a pesquisa de campo, no qual foi possível explorar o espaço, fotografar, descrever e sistematizar os dados de pesquisa. Na segunda etapa foram feitas a elaboração dos gráficos, mapas e quadros explicativos, a partir dos dados que foram coletados em campo. Durante a conclusão da pesquisa, houve uma suspensão das atividades desta feira devido à pandemia do COVID-19, intervindo no estudo durante determinado período de tempo. Com o retorno parcial desse comércio, a quantidade de barracas e a variedade de produtos comercializados foram reduzidas, com o objetivo de evitar aproximações diretas entre os feirantes e os clientes. Mesmo em contextos difíceis, constatamos que a feira constitui uma das principais atividades socioeconômicas do mencionado município. As intervenções e as inovações não eliminaram o espaço da feira pesquisada, esta permanece enquanto espaço de resistências e resiliências.

Palavras-chaves: Feira de Puxinanã, Espaço comercial, Intervenções.

ABSTRACT

The intensification and growth of commercial exchanges were the main elements for the emergence of the fairs, being a very old commercial practice, which guarantees the supply of foodstuffs in various regions of the world, until today. This activity has enormous influences on the development of the economy and social dynamics in countless rural towns in the interior. This article has as its central objective an analysis of the space and commercial forms that make up the fair in the municipality of Puxinanã-PB. Thus, we have historically observed its economic dynamics in the urban-regional economic circuit. As for the methodological procedures, they were divided into two stages, the first was through bibliographic readings and field research, in which it was possible to explore the space, photograph, describe and systematize the research data. In the second stage, the elaboration of graphs, maps and explanatory tables were made, based on the data that were collected in the field. During the conclusion of the research, the activities of this fair were suspended due to the pandemic of COVID-19, intervening in the study for a certain period of time. With the partial return of this trade, the number of stalls and the variety of products sold were reduced, in order to avoid direct approaches between marketers and customers. Even in difficult contexts, we found that the fair is one of the main socioeconomic activities of the aforementioned municipality. The interventions and innovations did not eliminate the space of the researched fair, it remains a space of resistance and resilience.

Keywords: Puxinanã Fair, Commercial space, Interventions.

1. INTRODUÇÃO

Conforme Dantas (2008), as feiras livres são espaços comerciais existentes em inúmeras cidades pequenas interioranas, reunindo tradições e modos comerciais antigos, advindos da época do feudalismo, que no Brasil teve início no período colonial. Apesar de todas as transformações que ocorreram, as feiras livres não perdem sua identidade e cultura comercial, além de exercer significativa centralidade entre muitos municípios interioranos, como ocorre no estado da Paraíba.

A intensificação e crescimento das trocas comerciais foi o elemento preponderante para o Renascimento Urbano. Neste contexto, o comércio estimulou o crescimento dos núcleos populacionais existentes e transformou o caráter essencialmente agrícola da sociedade, ou seja, “as primeiras cidades mercantis resultaram da transformação do caráter destas aglomerações medievais sem função urbana” (SPÓSITO, 2001, p. 31).

No caso da Feira de Puxinanã-PB, é notório que ela ocupa um patamar de destaque em sua economia, como também sua influência na história de povoamento, fundação e crescimento do município, de acordo com sua dimensão espacial, que representa um elemento emblemático na estrutura urbana e comercial local. O dinamismo desta referida feira atualmente deve-se também em função da diversificação de atividades e do fluxo contínuo de consumo.

O objetivo dessa pesquisa foi identificar e mapear o espaço e as formas comerciais que compõem a Feira de Puxinanã-PB, bem como analisar a sua dinâmica funcional no circuito econômico urbano e regional, de acordo com as mudanças na sua reestruturação espacial.

Esta pesquisa abordou também as mudanças que estão ocorrendo na espacialidade da Feira de Puxinanã, devido a reconstrução do Mercado Público Central, em que encontram-se localizados diversos feirantes que foram reterritorializados temporariamente para outro lugar, mas que ainda se encontram inseridos na feira, deixando a referente pesquisa flexível, já que em seu decorrer, cada conjunto de técnicas e procedimentos pertencentes a um determinado método terá mudanças na espacialidade devido a reforma.

Com a pandemia do COVID-19¹, houveram muitas transformações no espaço da feira pesquisada, ocasionando durante quatro meses a suspensão das atividades comerciais no espaço tradicional desta. Após este longo período de suspensão, as atividades desta feira foram reativadas, mas seguindo as restrições postas pelas orientações da vigilância sanitária local.

O desenvolvimento teórico-metodológico, bem como os procedimentos que foram trilhados nesta pesquisa enquadra-se, especialmente Geografia do Comércio, Serviços e Consumo, enquanto subárea da Geografia Econômica e Urbana. Identificando e mapeando o espaço e as formas comerciais que compõem a Feira de Puxinanã-PB, bem como foi analisada a sua dinâmica funcional no circuito econômico urbano-regional.

A respectiva pesquisa teve como metodologia, uma relação entre a teoria e o meio, baseada em uma ampla revisão bibliográfica e em pesquisas realizadas *in loco*, associando-se com o objetivo do estudo.

Contudo, o desenvolvimento da pesquisa foi realizado diante do diálogo entre instrumentos da pesquisa quantitativa (aplicação e quantificação de questionários e uso de dados estatísticos) e da qualitativa (aprofundamento histórico e social, análise dos dados obtidos e fotografias) estabelecidos sob as categorias de análise de espaço e território. Sendo feito o trabalho de identificação de áreas/ruas que compõem a feira de Puxinanã. Após a identificação destas espacialidades terciárias, buscar-se-á caracterizá-las a partir dos tipos de serviços e de comércios existentes nestas áreas.

Como recurso técnico a pesquisa contará com o uso de SIG's para elaboração dos mapas onde os dados serão coletados, foi necessário também o uso de imagens de satélite para análise espaço-temporal. Bem como dos gráficos e quadros alusivos à configuração espacial das atividades econômicas desta feira, classificadas por especialidades das atividades comerciais, serviços existentes e as categorias de produtos disponíveis nesse espaço.

¹ Segundo o Ministério da Saúde (2020) “[...] A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Os sintomas podem variar de um resfriado, a uma Síndrome Gripal-SG (presença de um quadro respiratório agudo, caracterizado por, pelo menos dois dos seguintes sintomas: sensação febril ou febre associada a dor de garganta, dor de cabeça, tosse, coriza) até uma pneumonia severa.”

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento da atividade comercial, ao longo da história das sociedades humanas, é referenciado por diversos estudiosos de diferentes áreas das ciências. As práticas comerciais realizadas em espaços de feiras livres sempre exerceram influências nas dinâmicas socioespaciais de localidades urbanas e rurais. Para Salgueiro e Cachinho (2009, p.10), “Por meio do comércio e dos lugares que este se exerce, as pessoas satisfazem necessidades, realizam desejos, veicula-se informação, difundem-se inovações, criam-se laços de sociabilidade.” Desde tempos passados a atualidade, constata-se que as atividades comerciais participam efetivamente do processo cotidiano e transformador das sociedades em diferentes períodos, especialmente, no período atual.

Para Nascimento (2011), o termo feira designa lugar público onde são comercializadas mercadorias, ou seja, é um lugar onde se estabelecem diversas formas de comércio, como: açougues, cerealistas, hortifrutigranjeiros, entre outras formas comerciais.

De acordo com Vieira (2004), as feiras livres constituem-se uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios das cidades nordestinas. Embora percebida como modelo comercial ultrapassado, que preserva características medievais, as feiras promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

Sendo assim, foi a partir desse crescimento das trocas comerciais que começaram a surgir as feiras, considerada como uma atividade comercial importante para formação econômica e social de centros urbanos, principalmente no que diz respeito aos pequenos centros interioranos.

Fonseca et.al. (2007) destacam que, no recinto das feiras livres não ocorre apenas a comercialização formal, mas evidencia-se a relação de comunidade, ou seja, o sentimento de cooperação e amizade está imbricado nas relações comerciais entre os feirantes e os seus clientes, geralmente tratados por fregueses², gerando relações sociais mais próximas.

Ao tratar da sua importância na formação de espaços, Dantas (2008) destaca que em algumas regiões as feiras surgiram como fenômeno primitivo e espontâneo a ponto de

² Freguês, que é o mesmo que cliente, refere-se a uma denominação popular muito utilizada nos espaços comerciais mais tradicionais. Tal palavra indica maior intimidade/proximidade dos comerciantes locais com as suas clientelas.

muitas cidades terem sua origem relacionada estreitamente com essa forma comercial, assim sendo as “feiras nordestinas”, responsáveis pelo aparecimento de diversos núcleos urbanos.

Dantas (2008) acrescenta que, quando se observa à dinâmica socioespacial das cidades nordestinas, não se pode negligenciar a importância que as feiras possuem, não apenas para os grandes centros regionais. Mesmo com a difusão de modernos equipamentos de comércio e consumo pelas cidades, as feiras permanecem como um elemento que marcam a paisagem das cidades, em praticamente todos os espaços da região do Nordeste brasileiro, influenciando as dinâmicas desses núcleos urbanos (BARBOSA; DINIZ, 2015).

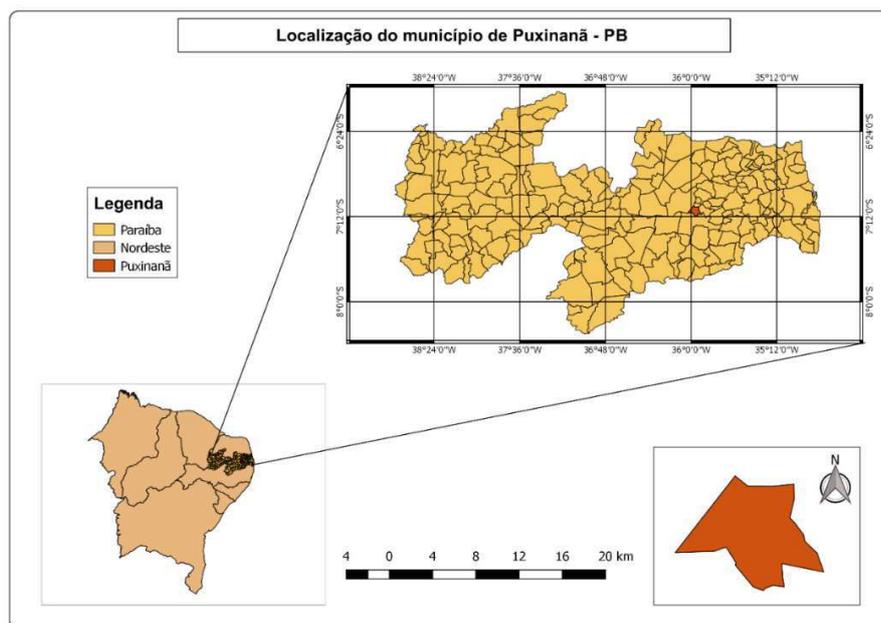
No período atual, as feiras constituem ainda espaços de fluxos de consumos, de mobilidades populacionais pendulares de diferentes escalas geográficas. Desta forma, sendo as feiras importantes pontos de comercialização da economia regional, a sua influência na origem e na vida das cidades interioranas tem um caráter histórico e social determinante.

3. O MUNICÍPIO DE PUXINANÃ E A SUA FEIRA

O município de Puxinanã (Figura 01) localiza-se no Nordeste Brasileiro, pertencente à Região Geográfica Imediata de Campina Grande. É conhecida como “a cidade dos lajedos”, cuja formação geológica é de característica cristalina, está incluída na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005.

O município foi criado em 1961, possuindo uma área territorial de 74 Km², que corresponde a cerca de 0,1305% do estado da Paraíba, fazendo limite com os municípios de Campina Grande, Pocinhos, Lagoa Seca e Montadas. De acordo com o Censo realizado no ano de 2018 pelo IBGE, tem uma população estimada em 13.630 habitantes. A sede do município está localizada no Planalto da Borborema, estando a uma altitude de 657 metros em relação ao nível do mar, encontrando-se a cerca de 150km da capital João Pessoa.

Figura 1 - Mapa de localização do município de Puxinanã-PB.



Fonte: IBGE,2010 **Elaboração:** Alany Bezerra (2020)

A feira deste município exerce grande influência na vida e nos costumes dos habitantes, tendo um papel importante no desenvolvimento socioeconômico, pois para os feirantes é nesse espaço ao ar livre que é exposta toda a força de trabalho e a reprodução social da população. Os hábitos de ir à feira foram passados de geração para geração, sendo assim, é no dia em que a mesma acontece que as pessoas da zona rural vêm até a cidade fazer compras, conversar, resolver negócios e rever os amigos e familiares.

Verifica-se que mesmo sendo considerada uma prática comercial antiga, as feiras são importantes pontos de comercialização da economia regional, favorecendo o dinamismo econômico local e a mobilidade social. No contexto da feira do município de Puxinanã, são perceptíveis essas características visto que na segunda-feira é o dia em que a feira é realizada. Neste dia há uma maior movimentação de capital na economia local. É também, no dia em que a feira acontece, que evidencia numerosos encontros sociais entre habitantes da comunidade local da zona urbana e da zona rural, e dos municípios circunvizinhos.

Mesmo com a presença de mercadinhos, mercearias e supermercados, que oferecem os mesmos produtos que estão disponíveis na feira livre, certifica-se que o modelo tradicional da feira de Puxinanã é numeroso e um grande influente na economia interna e na dimensão sociocultural dos moradores desse município.

A Feira de Puxinanã passou por algumas transformações em seu espaço ao longo dos anos, podendo ser observadas em sua reterritorialização e estrutura física, ocorrendo mudanças em sua localização, nas mercadorias que eram comercializadas antes e que hoje não são mais disponíveis, como também os produtos eram comercializados no chão e atualmente foram inseridos em barracas de madeiras cobertas por lonas, em que os comerciantes expõem e vendem suas mercadorias.

3.1 Do surgimento do comércio e das feiras até a contemporaneidade

De acordo com Diniz (2011), o comércio é uma atividade econômica de origem milenar, que sempre desempenhou um papel considerável na formação e no desenvolvimento das primeiras sociedades urbanas, impulsionando a formação e o crescimento das cidades a partir do capitalismo, após o final do feudalismo. O comércio impulsionou e estendeu o processo de urbanização mundialmente, transformando as cidades em lugares de grande importância política e comercial.

Conforme Dantas (2008), o pequeno comércio no Brasil durante o período colonial se organizava tendo por base os dois polos principais em que se sustentava a organização socioeconômica da Colônia: o primeiro, através dos inúmeros engenhos de cana-de-açúcar e, o segundo, através de poucas vilas e cidades que serviam de armazém e porto de embarque para a produção açucareira. Por volta de 1587, diversas formas de comércio já se encontravam-se estabelecendo, sendo os mais comuns às lojas, vendas, tavernas, estalagens, açougues, quitandas, dentre outros.

Segundo Dantas (2008), outras referências à existência de feiras no Brasil nos séculos XVIII e XIX estão voltadas para o comércio do gado bovino, chamadas de economia subsidiária que crescia no interior do Nordeste, devido ao tipo de agricultura e pecuária. Este comércio se estabeleceu a partir da criação de gado, que deu grande impulso para a ocupação do interior nordestino durante o século XVII. A partir deste movimento surgem inúmeros povoados ao longo dos chamados “caminhos do gado”, influenciando a formação dos pequenos comércios nas praças e feiras livres.

A economia subsidiária teve grande importância para o desenvolvimento do município de Puxinanã, sendo a partir da feira de gado que o município se desenvolveu e cresceu socioeconomicamente. Durante os anos de 1960, foram implantadas estruturas (muros, depósitos e currais em alvenarias, estacionamentos, etc.) para abrigar a tradicional

feira de gado, que tinha já possuía uma dinâmica intensa, e passou a atrair comerciantes de vários municípios do estado da Paraíba e de outras regiões do Nordeste brasileiro. A feira foi crescendo tanto, que se tornou uma das maiores do estado, ganhando prestígio regional. Atualmente esta perdeu mais importância e sua economia gira em torno dos pequenos proprietários locais e de algumas localidades circunvizinhas. Por conseguinte, com a ascensão econômica da Feira de Gado, a feira livre do município também ganhou e possui muito destaque, por ambas serem realizadas no mesmo dia, e por gerar maior movimentação de renda.

Para Santos (2005), a feira livre assume um formato tradicionalmente conhecido de varejo, expresso em vias públicas, mas em determinada localização ou ponto de ocorrência, onde existe um fluxo constante de pessoas e capital, a realização acontece em dias específicos da semana, no caso das cidades de pequeno porte, ela acontece em um único dia da semana.

De acordo com Araújo (2011), a feira livre é uma atividade econômica considerada como um meio de subsistência para diversas famílias, principalmente em cidades pequenas no interior do Nordeste, em que muitas famílias de agricultores são dependentes desse comércio para obter alguma renda, através dos produtos que são cultivados em suas terras e comercializados na feira, garantindo o sustento das mesmas.

As atividades e sistemas comerciais da feira estão inseridas no circuito inferior da economia urbana³, como explica Santos (2008, p.22) que: “O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é [...] bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região”, já que segundo suas ideias o circuito superior são compostos por redes de supermercados e sistemas de lojas. Assim, o circuito inferior como são classificadas as feiras, são caracterizadas pelo lucro de

³ Santos (2008) divide a economia em dois circuitos: O superior e o inferior. O superior originou-se diretamente da modernização tecnológica, esse comércio moderno realiza-se através de uma gama de estabelecimentos que vão das grandes lojas, supermercados até hipermercados, englobando grande quantidade de produtos e número considerável de consumidores até as lojas que oferecem um pequeno número de artigo de luxo a uma clientela selecionada. As atividades do circuito Superior dispõem de crédito bancário, os preços são geralmente fixos e tem como meta principal alcançar grandes quantidades de lucros. Santos (2008) destaca que “A atividade do circuito superior tende a controlar a economia por inteiro. Isso é mais particularmente verdadeiro nas cidades de escalão superior. Esse controle é exercido seja diretamente, seja por intermédio do Estado. Quanto ao Circuito inferior, este tende a ser controlado, subordinado, dependente” (p.47)

subsistência (através da pequena produção da agricultura familiar), com emprego informal e mal remunerado, mão de obra barata sem exigência de qualificação.

De acordo com Araújo (2011), a feira no passado atendia a todos indistintamente, oferecendo diversos serviços, mas que possuía uma diferença nos horários, pois a classe pobre frequentava esse espaço durante a “tardezinha”, por sobra com as “sobras” dos produtos deixando-os mais baratos, com preços acessíveis. Conhecida como “lugar de pobre”, este espaço comercial se permite ainda a prática da pechincha entre grupos sociais de menor poder aquisitivo.

Na contemporaneidade, os fregueses não buscam as feiras apenas para adquirir mercadorias mais baratas, mas também para estarem de acordo com o que o mercado consumidor e os padrões de beleza exigem, já que na feira encontram-se cópias de “artigos de luxo”. Diante disso, os feirantes se adequam a dinâmica global, adotando estratégias para permanência de suas atividades. Tal adesão ocorre de forma parcial.

Araújo (2011, p.8-9) afirma ainda que “[...] a sobrevivência das feiras na contemporaneidade deve-se a uma relação dialética entre a transformação, adaptação e permanência, estratégias de resistências aos sujeitos no contexto da globalização”. Dessa maneira, a feira vem resistindo e se adaptando de acordo com os requisitos da modernidade, permanecendo como atuante entre parcela importante da massa consumidora de baixa renda.

Segundo as análises de Dantas (2008), as feiras estão profundamente envolvidas nos sistemas de mercado regional. Nesse contexto, muitas das vezes elas deixam de ser um fato rotineiro, para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil de diferenciar até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira. Sendo elas consideradas de suma importância para o desenvolvimento regional, tal qual permanecem como um elemento que marcam a paisagem das cidades, em praticamente todos os espaços da região do Nordeste brasileiro, influenciando a dinâmica socioespacial desses núcleos urbanos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Dinâmica da espacialidade da feira do município de Puxinanã-PB

De acordo com a formação do espaço é fundamental analisar sua composição de acordo com pensamento de Santos (1997, p.77) “O espaço é, também e sempre formado de fixos e fluxos, nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço”. Nessa perspectiva, os fixos são

os estabelecimentos como supermercados, farmácias, lojas, dentre outros, e os fluxos são as pessoas, automóveis, motocicletas, sendo eles o movimento da cidade. Com isso, é no dia em que a feira acontece que há maior movimentação dos fluxos, em conjunto com os fixos, já que segundo Santos (1997, p.78) os “fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente”, dando forma e vida ao espaço.

Se tratando das espacialidades da Feira de Puxinanã é imprescindível destacar a relação entre o campo e a cidade, pois a prática da agricultura é muito forte no município devido a maioria da população ser concentrada na zona rural, com um grande número de agricultores em que a maioria tiram seu sustento pelas atividades rurais advindas da agricultura familiar, que são comercializados na feira.

No que diz respeito ao espaço e organização da Feira de Puxinanã, ela possui característica tradicional com presença de barracas que expõem as mercadorias a serem comercializadas, dentre eles encontramos frutas, verduras, miudezas, lanches, ervas medicinais, calçados, confecções, artigos do campo e doméstico, equipamentos eletrônicos, artigos artesanais, entre outros (Figuras de 2 à 5).

Figura 2 - Comércio de frutas, legumes e verduras. Figura 3 - Comércio de temperos. Figura 4 - Comércio de produtos artesanais. Figura 5 - Comércio de produtos eletrônicos.



Fonte: Alany Bezerra, 2020.

No espaço da feira é possível encontrar a diversidade de mercadorias com preços mais acessíveis e com boa qualidade em alguns produtos, fazendo com que esta permaneça mantendo-se viva com suas características e culturas próprias. Mesmo com a presença de supermercados, mercearias, lojas e açougues próximos a localização do interior da feira.

É no dia da feira que ocorre uma movimentação maior no fluxo de pessoas e na dinâmica econômica da cidade, vindo pessoas da zona rural de Puxinanã e de municípios circunvizinhos, como: Lagoa Seca, Montadas, Pocinhos, Campina Grande, entre outros.

Essas pessoas não vêm apenas para a feira comprar seus produtos, mas também visitar parentes, rever amigos, etc. Tal movimento confere a feira um lugar de sociabilidades.

A feira livre de Puxinanã passou por algumas transformações ao longo dos anos, se enquadrando ao processo de reterritorialização. No século XX, por volta dos anos de 1950, o pequeno comércio que se localizava na Rua João Pessoa, foi transferido para outras vias do lugar: Avenida 28 de Janeiro, Rua Costa e Silva, Rua Rita F. de Miranda e Rua João Antônio Gomes do Nascimento. Tal mudança ocasionou novas dinâmicas comerciais (Figura 6).

Figura 6 - Mapa de delimitação da Feira de Puxinanã



Fonte: Google Earth, 2020.

Localizada no centro e nas ruas principais do município, dentro do espaço onde ocorre a feira existem estabelecimentos comerciais fixos, sendo estas farmácias, panificadoras, açougues, bares, supermercados, lojas de roupas, entre outros. Muitos desses estabelecimentos fixos foram instalados em antigos prédios, que por sua vez eram antigas residências. Os interiores dessas casas foram modernizados, bem como suas fachadas (Quadro 1).

Quadro 1. Quantificação dos estabelecimentos fixos da feira

RUA	QUANTIDADE	TOTAL
Rua Costa e Silva	03	18 estabelecimentos fixos
Rua Rita F. de Miranda	06	
Rua Antônio Gomes do Nascimento	02	
Avenida 28 de Janeiro	07	

Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

Com a quantificação dos estabelecimentos fixos, foi feita a quantificação dos estabelecimentos periódicos, sendo estes as barracas/bancas que compõem o espaço das ruas e dão forma a feira, expostos no Quadro a seguir.

Quadro 2. Quantificação de estabelecimentos periódicos da feira

RUA	QUANTIDADE	TOTAL
Rua Costa e Silva	23	128 estabelecimentos periódicos
Rua Rita F. de Miranda	29	
Rua Antônio Gomes do Nascimento	30	
Avenida 28 de Janeiro	46	

Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

De acordo com o Quadro acima, há 128 estabelecimentos periódicos. Quantidade superior aos estabelecimentos fixos das ruas analisadas, demonstrando assim a importância que a feira livre tem para a cidade e sua economia local. Tal dados quantitativos revelam a representatividade deste setor em regiões de economias menos desenvolvidas, corroborando com as ideias da teoria dos dois circuitos da economia urbana, ao afirmar que quanto mais pobre os lugares, maior é a presença das atividades econômicas do chamado circuito inferior/setor popular/informal.

Para melhor desenvolvimento e classificação do que cada barraca comercializa, foi necessário reunir os estabelecimentos periódicos em uma só categoria, e quantificar os dados coletados em campo. Para cada rua foi criado um quadro que identifica quais as categorias que cada estabelecimento/barraca pertence. Na primeira rua analisada foram quantificadas e classificadas em:

Quadro 3. Quantificação dos Comércios Existentes (Rua Costa e Silva)

TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Temperos e ervas medicinais	02
Importados, brinquedos e miudezas	-
Calçados	-
Confecções	-
Cama, mesa e banho	-
Material escolar	-
Artigos do campo	-

Frutas, verduras e grãos	17
Aves e Peixes	02
Lanches	-
Fumos	-
Produtos de panificação e laticínios	-
Ovos	02

Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

O Quadro acima mostra as tipologias e a quantidade de barracas que estão distribuídas na Rua Costa e Silva, predominando a venda maior de frutas, verduras e grãos, como também na Rua Rita F. de Miranda que será quantificada no próximo quadro, que além de vender frutas, verduras e grãos, disponibiliza produtos de panificação, laticínios e artigos do campo. Desta forma, ambas as ruas comercializam produtos semelhantes com mesma intensidade.

Quadro 4. Quantificação dos comércios existentes (Rua Rita F. de Miranda)

TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Temperos e ervas medicinais	01
Importados, brinquedos e miudezas	-
Calçados	-
Confecções	-
Cama, mesa e banho	-
Material escolar	-
Artigos do campo	01
Frutas, verduras e grãos	21
Aves e Peixes	01
Lanches	01
Fumos	01
Produtos de panificação e laticínios	03
Ovos	-

Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

Quadro 5. Quantificação dos comércios existentes (Rua João Gomes do Nascimento)

TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Temperos e ervas medicinais	03
Importados, brinquedos e miudezas	03
Calçados	01
Confecções	02
Cama, mesa e banho	04
Material escolar	01
Artigos do campo	01
Frutas, verduras e grãos	06
Aves e Peixes	03
Lanches	03
Fumos	02
Produtos de panificação e laticínios	01
Ovos	-

Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

No entanto, na Rua João Gomes do Nascimento há uma maior variedade de produtos como é o caso também da Avenida 28 de Janeiro (Quadro 6), que disponibiliza os mesmos produtos com uma presença maior de confecções, calçados, cama, mesa e banho, havendo uma grande influência de dois importantes polos regionais de confecções, os municípios de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, ambos localizados no Estado vizinho de Pernambuco, que mesmo distante, os comerciantes da feira vão até esses polos mensalmente ou semanalmente, fazerem compras para revenderem em feiras livres locais.

Quadro 6. Quantificação de comércios existentes (Avenida 28 de Janeiro)

TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Temperos e ervas medicinais	-
Importados, brinquedos e miudezas	08
Calçados	04
Confecções	13
Cama, mesa e banho	03
Material escolar	01
Artigos do campo	-
Frutas, verduras e grãos	13
Aves e Peixes	-
Lanches	02
Fumos	01
Produtos de panificação e laticínios	-
Ovos	-
Mudas de plantas	01

Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

Atualmente a feira vem passando por algumas reestruturações e mudanças espaciais devido à reforma do Mercado Público que se iniciou no mês de julho de 2019, com o objetivo de aumentar o número de boxes, aumentando também o número de comerciantes, fluxo de pessoas e maior disponibilidade de produtos. Com isso, partes dos feirantes tiveram que se deslocar para outros espaços, sendo eles o Parque de Eventos⁴ e o “Shopping” Puxinanã⁵, que se inserem dentro do espaço da feira. Sendo assim, no Parque de Eventos ficaram os marchantes⁶ que negociam com carne bovina, caprina e suína, como também os barbeiros⁷, bares e algumas barracas de frutas, verduras e grãos. Já no “Shopping” Puxinanã, mesmo sendo uma construção inacabada, este já abriga lojas, bares e lanchonetes.

⁴ Local edificado na Avenida 28 de Janeiro, área central da cidade, que tem por objetivo a realização de eventos culturais locais.

⁵ Corresponde a uma construção inacabada de uma galeria comercial localizada na área central da cidade. Embora se apropriem do termo “shopping”, na verdade constitui uma galeria comercial.

⁶ Pequenos comerciantes responsáveis pela comercialização de carnes bovinas, caprinas, suínas, etc.

⁷ Homens que trabalham com cortes de cabelos e barbearias.

A reforma do Mercado Público causou uma reterritorialização dos feirantes para outro lugar, acompanhado de uma desterritorialização, pois segundo Haesbaert (2009) toda desterritorialização vem acompanhada de uma reterritorialização, já que “a desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização” conforme Haesbaert (2009, p. 131). Esse processo se dá devido ao deslocamento dos comerciantes do antigo Mercado Público para o Parque de Eventos e para o “Shopping Puxinanã”, que devido à reforma eles perderam seu território e tiveram que se reterritorializar em outro lugar (Figuras de 7 a 10).

Figura 7 - Mercado público passando pelo processo de reforma. Figura 8 - Distribuição das barracas no Parque de Eventos. Figura 9 - Frente do Shopping Puxinanã. Figura 10 - Lojas do interior do Shopping Puxinanã.



Fonte: Alany Bezerra, 2020

Foram quantificadas as quantidades de barracas e boxes existentes tanto no Parque de Eventos como no Shopping Puxinanã e os produtos que são comercializados em cada local, estando presentes no Quadro 7 e 8 respectivamente:

Quadro 7. Quantificação de comércios existentes (Parque de Eventos)

TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Carnes	23
Grãos	02
Frutas e verduras	04
Brinquedos	01
Bares	05
Temperos	01
Miudezas	01
Bolo	01
Barbearia	03

Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

Quadro 8. Quantificação de comércios existentes (Shopping Puxinanã)

TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Lojas de roupas e variedades	07
Barbearia	02
Bares e lanchonetes	03

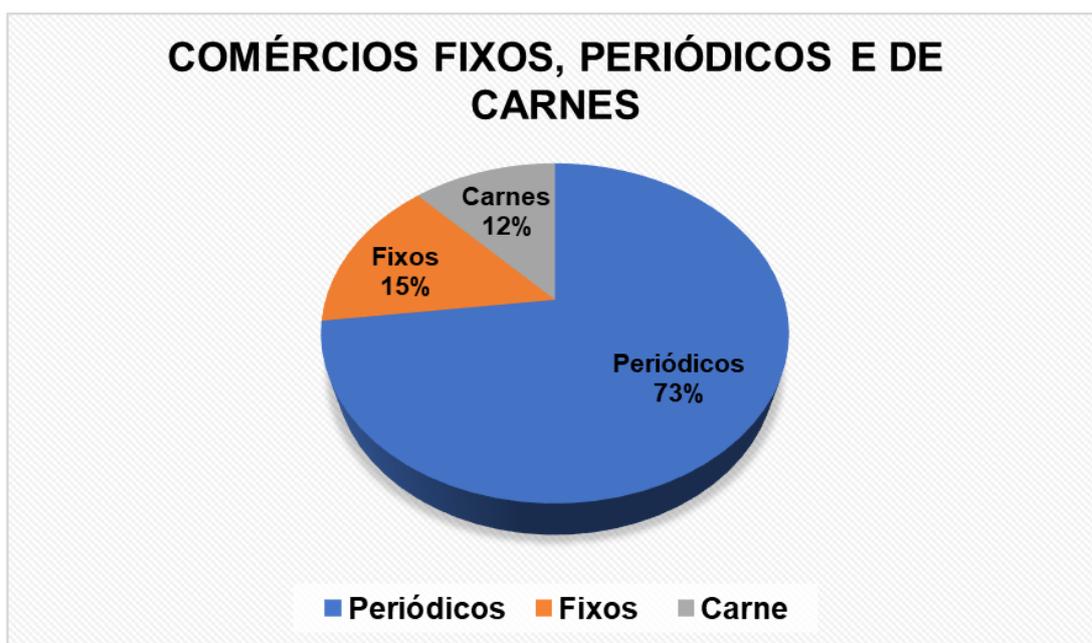
Fonte: Dados da pesquisa, jan./2020.

Contudo, é importante frisar que por a feira ser uma forma de economia de comércio periódico, por apenas ser realizada uma vez por semana, faz com que ocorram alterações na quantidade de barracas localizadas nas ruas do centro da cidade, isto é, há dias que os números de barracas são maiores, já tem outros dias que os números são menores. Isso devido ao período de pagamento dos aposentados, servidores públicos e privados, havendo

comerciantes de outras cidades, que vendem seus produtos no início do mês, gerando, assim, maior movimentação de capital. A diferença no número de estabelecimentos periódicos pode variar de 1 a 15.

Mesmo com a presença de supermercados, panificadoras, lojas de roupas e outros produtos, que estão localizados onde a feira se distribui, ela não perde sua força e importância econômica, por haver uma maior variedade de produtos, com menores preços e que, apesar de ser realizada apenas um dia por semana, a população opta por comprar na feira, sendo assim, as novas formas comerciais, por sua vez não tem extinguido esses laços historicamente construídos nesse espaço.

Assim, a influência da feira já começa a ser destacada a partir do momento que observamos que o número de estabelecimentos periódicos, em conjunto com os estabelecimentos de carnes, é superior aos fixos (Gráfico 1).



Além disso, com a conclusão da reforma do Mercado Público a quantidade de boxes em seu interior irá aumentar, atraindo talvez um maior número de comerciantes. Por conseguinte, a feira irá sofrer impactos, pois o mercado ficará com uma estética diferente.

4.2 Efeitos da pandemia do COVID-19 na feira livre de Puxinanã-PB

Segundo De Melo (2020), no dia 12 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o COVID-19 como pandemia, que combina com a rápida expansão do novo Corona Vírus e um acesso fácil a diferentes pontos do globo, provocando inúmeros

efeitos mundo a fora. Com isso, no Brasil a doença apresentou vigorosa dinâmica de crescimento no território nacional, devido ao baixo monitoramento do Governo Federal e a falta de conscientização de grande parte da população, fazendo com que a contaminação atingisse seu pico em um curto espaço de tempo, ocasionando uma sobrecarga de atendimentos no sistema de saúde público.

Conforme Farias (2020), esse novo vírus favoreceu ao Brasil uma grande crise nos diferentes circuitos econômicos com os choques de oferta, demanda e financeiros. Em vista disto, os feirantes que comercializam na Feira de Puxinanã foram impactados com os efeitos da pandemia, pois desde o dia 23 de março de 2020 a feira foi suspensa por tempo indeterminado como medida emergencial de segurança, acarretando prejuízos econômicos para os comerciantes locais.

Desta forma, a feira foi suspensa por cerca de quatro meses e como meio de subsistência, alguns comerciantes tiveram que alugar estabelecimentos fixos durante esse período para comercializar seus produtos, disponibilizando carnes, frutas e verduras para a população. A feira livre de Puxinanã foi liberada no dia 06 de julho de 2020, apenas para os comerciantes locais, com o objetivo de não gerar aglomerações, seguindo os protocolos sanitários estabelecidos pela Prefeitura Municipal e Secretaria de Saúde do Município.

Com os efeitos da pandemia, a quantidade de barracas e a variedade de produtos comercializados foram reduzidos, a feira está sendo distribuída em apenas duas ruas, sendo ela a Avenida 28 de Janeiro e a Rua Antônio Gomes do Nascimento, com o objetivo de não provocar aproximação entre os comerciantes e os clientes. Apesar disso, a população não obedece completamente a todos os cuidados necessários que foram estabelecidos, havendo aglomerações no espaço onde a feira está delimitada (Figuras de 11 a 14).

Figura 11- Barracas distribuídas na rua. Figura 12- Comércio distribuídos na rua. Figura 13- Barracas distribuídas no Parque de Eventos. Figura 14- Comerciantes e fregueses na feira.



Fonte: Alany Bezerra, jul. 2020.

Dessa forma, com a liberação da feira foi possível ir *in loco* e quantificar as bancas distribuídas nas ruas, como também os produtos comercializados, estando disponíveis nos quadros 9 e 10.

Quadro 9. Quantificação dos comércios existentes na Avenida 28 de Janeiro

AVENIDA 28 DE JANEIRO	
TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Temperos e ervas	-
Frutas, verduras e grãos	19
Produtos de panificação e Laticínios	-
Lanches	01
Aves e Peixes	-
Confecções	-
Calçados	-
Cama, mesa e banho	-
Fumo	-
TOTAL DE BARRACAS	20

Fonte: Dados da pesquisa, jul./2020.

Quadro 10. Quantificação dos comércios existentes na Rua Antônio Gomes do

RUA ANTÔNIO GOMES DO NASCIMENTO	
TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Temperos e ervas	01
Frutas, verduras e grãos	06
Produtos de panificação e Laticínios	02
Lanches	01
Aves e Peixes	03
Confecções	02
Calçados	01
Cama, mesa e banho	01
Fumo	01
TOTAL DE BARRACAS	18

Fonte: Dados da pesquisa, jul./2020.

De acordo com os quadros acima, percebemos que a Rua Antônio Gomes do Nascimento disponibiliza de uma maior variedade de produtos, diferente da Avenida 28 de Janeiro que predomina a venda de frutas, verduras e grãos. Já no Parque de Eventos, os produtos predominantes são as carnes, que estão contabilizados no quadro a seguir (Quadro 11) e no Shopping Puxinanã (Quadro 12), após a nova aferição notou-se que não houve aumento nem redução na quantidade de lojas, permanecendo com os mesmos dados das pesquisas anteriores.

Quadro 11. Quantificação dos comércios existentes no Parque de Eventos.

PARQUE DE EVENTOS	
TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Carnes	12
Grãos	01
Frutas e Verduras	02
Miudezas	01
Gomas	01
Barbearia	02
TOTAL DE BARRACAS	19

Fonte: Dados da pesquisa, jul./2020

Quadro 12. Quantificação de comércios existentes no Shopping Puxinanã.

SHOPPING PUXINANÃ	
TIPOLOGIAS	QUANTIDADE
Lojas de roupas e variedades	07
Barbearia	02
Bares e lanchonetes	03
TOTAL DE BARRACAS	12

Fonte: Dados da pesquisa, jul./2020

Quanto a reforma do Mercado Público, as obras foram suspensas durante um período de tempo, ocasionado pelo Decreto Estadual N° 40.242 de 16 de julho de 2020, a suspensão iniciou-se no dia 18 de maio de 2020 e foram retomadas apenas no dia 06 de julho de 2020. As obras estão avançadas e próximas de serem finalizadas, dessa maneira foi liberada a entrada para a visita da obra, porém não foi possível fotografar o espaço, devido a não autorização da equipe responsável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira livre é uma prática comercial muito antiga, compondo um espaço histórico de resistência e de tradição social no cotidiano das pessoas, fazendo parte da identidade local com um papel importante no desenvolvimento socioeconômico de várias regiões, principalmente em cidades pequenas. Por conseguinte, ela ultrapassa o viés econômico, pois se apresenta como um lugar de encontro, de lazer, de diversão e de relações sociais, visto que a feira livre possui uma importância sociocultural relevante.

No município de Puxinanã, a feira constitui uma das principais atividades econômicas locais. Por envolver diversas formas de comercialização da produção agrícola regional, este espaço garante o abastecimento de uma parcela considerável da população. Além disso, é um comércio dinâmico aliado a uma diversidade de produtos com preços mais acessíveis, ocasionando uma compra diversificada de produtos agrícolas, têxtil, miudezas, calçados, cama, mesa e banho, entre outros.

Neste contexto, os impactos da pandemia foram muito drásticos, pois diminuíram significativamente os fluxos comerciais. Tanto o comércio da feira quanto a reforma do Mercado Público, tiveram que ser suspensas por um longo período de tempo. Os consumidores locais passaram a adquirir produtos mais caros em estabelecimentos comerciais fixos.

Em vista disso, com a liberação da feira no município e com todas as restrições e cuidados estabelecidos, os feirantes e os clientes tiveram que se readaptar a “nova” forma de comércio, usando máscaras, luvas, evitando aproximações, aglomerações e utilizando álcool etílico 70% para higienização. Assim, após os efeitos do COVID-19, a feira passou a ser um lugar apenas de compra e venda, perdendo um pouco da sua identidade, pois teve que reduzir encontros sociais prolongados.

De modo geral, nas palavras de Mascarenhas & Dolzani (2008, p.84), “[...] podemos dizer, talvez, que a feira livre seja uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la”, mesmo ainda em contexto de pandemia. A de feira de Puxinanã, frente às inovações e intervenções em andamento, continua exercendo grande importância e influência nas relações sociais e comerciais do município na atualidade, sendo, portanto, um espaço de resistências e resiliências.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **As Feiras Nordestinas na Contemporaneidade Como Fenômeno de Resistência Frente ao Global**. In: II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura. 2011.

BARBOSA, Ana Dayanne Silva; DINIZ, Lincoln da Silva. **Mapeamento e análise das espacialidades e funcionalidades comerciais da Feira de Aroeiras-PB**. (Relatório Final). CNPq/PIVIC/UFCG, 2015.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim; MAIA, Doralice Sátyro. **Das feiras às festas: as cidades médias do interior do Nordeste**. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). Cidades médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p.517-550.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13. 2008. p.88-101.

DE MELLO-THÉRY, Neli Ap; THÉRY, Hervé. **A geopolítica do COVID-19**. Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia, 2020.

DINIZ, Lincoln da Silva; A cidade e o Comércio. In: DINIZ, Lincoln da Silva. **As Bodegas da cidade de Campina Grande: Dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio**. 2ª edição, EDUFCG, Campina Grande, 2011, p. 20-56.

FARIAS, Heitor Soares de. **O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade**. Espaço e Economia. Revista brasileira de Geografia Econômica, 2020.

FONSECA et.al. **Feira Livre de Buritizeiro-MG: uma abordagem socioeconômica** In: Revista de Geografia (UFPE). V. 28, N. 3. Recife: PPGEU/UFPE. 2011.

HAESBEART, Rogerio. **O MITO DA DESTERRITORIALIZAÇÃO: Do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 6º ed. Rio de Janeiro: BERTRAND, 2011.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** – IBGE, 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. DOLZANI, Miriam C. S. **Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura Na Metrópole Contemporânea**. In: Ateliê geográfico (revista eletrônica). V.2, agosto 2008, p. 72-87.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sobre a doença COVID-19.** Disponível em: < <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/sobre-a-doenca> >. Acesso em: 24 de set. 2020.

NASCIMENTO, M. J. S. A dinâmica sócioespacial da feira de Cuité/PB. Disponível em: < [dspace.bc.uepb.edu.br.](https://dspace.bc.uepb.edu.br/)> Acesso em: 12/12/2019 às 14: 00.

SALGUEIRO, Teresa Barata; CACHINHO, Herculano. **As relações cidade-comércio. Dinâmicas de evolução e modelos interpretativos.** In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Suzana Mara Miranda (org.). Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009. p.9-39.

SANTOS, Milton. Configuração territorial e espaço. In: SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado.** 5ª edição. HUCITEC, São Paulo, 1997, p.75 a 84.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Espaço Dividido: Os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos.** 2ª ed. EDUSP, São Paulo, 2008.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá.** 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.